

Terceira pessoa subjetiva: a autoficção d'*O filho eterno*

Gustavo Henrique Rückert¹

Resumo

Este trabalho, na contramão dos principais estudos críticos de *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, defende que há na obra uma inusitada combinação nas características do narrador: autodiegético e em terceira pessoa, composição observada também em Coetzee. Para comprovar essa leitura e apresentar os seus desdobramentos na interpretação da obra, são utilizados diferentes estudos teóricos, que vão de Genette a Lejune e Doubrovsky.

Palavras-chave: Cristóvão Tezza; *O filho eterno*; narrador; autodiegético; terceira pessoa; autoficção.

Subjective third-person: the autofiction of *O filho eterno*

Abstract

This work has a different view of the major critical studies of *O filho eterno*, by Cristóvão Tezza, because it argues that there is an unusual combination in the characteristics of the narrator: he is autodiegetic and third-person, composition also observed in Coetzee. Different theoretical studies (such as Genette or Lejune and Doubrovsky) are used to confirm this hypothesis and to present their developments in the interpretation of *O filho eterno*.

Key-words: Cristóvão Tezza; *O filho eterno*; narrator; autodiegetic; third-person; autofiction.

De acordo com a definição de Gerard Genette (1979, p.246), “o narrador autodiegético é o que relata as suas próprias experiências como personagem central da história”; “aquele que não cede por assim dizer nunca a quem quer que seja (...) o privilégio da função narrativa” (Ibid.). Quando se depara com *O filho eterno*, premiado romance de Cristóvão Tezza, publicado em 2007, o leitor, em um primeiro momento, não associa o seu narrador à categoria proposta por Genette. “Acho que é hoje – ela disse. – Agora – completou, com a voz mais forte, tocando-lhe o braço, porque ele é um

1 Professor Adjunto da Faculdade Interdisciplinar de Humanidades na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutor em Letras, especialidade em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail para contato: gh.ruckert@gmail.com .

homem distraído” (Tezza, 2011, p. 9). A essa abertura do romance, segue a descrição desse *ele*, logo identificável como protagonista do romance. À uma primeira vista, narrador e protagonista não seriam, portanto, a mesma pessoa. As primeiras intromissões da primeira pessoa na voz narrativa sugerem ao leitor a ocorrência do discurso indireto livre, já utilizado desde Flaubert. O terreno cômodo das tradicionais classificações da teoria literária na narrativa, no entanto, já vai logo se esfacelando, desestabilizando o leitor, que vai percebendo, gradativamente, que o romance não é heterodiegético, tampouco se utiliza de discurso indireto livre.

A incomum associação entre narrador autodiegético e terceira pessoa narrativa vai fazendo sentido aos poucos, conforme se percebe esse narrador também como uma construção de si em sua narração:

O problema é que as coisas – o filho agora, e toda a interminável e asfixiante soma dos pequenos fatos cotidianos que ele acumulou a vida inteira com a sensação de que criava e nutria uma personalidade própria – as coisas não são nada em si. O mundo não fala. Sou eu que dou a ele a minha palavra; sou eu que digo o que as coisas são. Esse é um poder inigualável – eu posso falsificar tudo e todos, sempre, um Midas Narciso, fazendo de tudo minha imagem, desejo e semelhança. (Tezza, 2011, p. 35-36)

(...) há agora um alheamento em tudo. (Ibid., p.23).

Em nenhum momento, ao longo dos mais de 20 anos, a síndrome de Down entrará no seu texto. (Ibid., p.54)

Às vezes, tem a viva sensação de que é escrito pelo que escreve. (Ibid., p.87)

Dessa forma, protagonista e narrador não são senão a mesma pessoa: um eu que se expõe sem decidir expor-se, projetando-se em um ele de si. Para Émile Benveniste (1978), o ele é a não pessoa, aquele que é constituído por um eu do discurso, do qual não participa. Assim, se a narrativa em terceira pessoa, nos séculos XVIII e XIX, era utilizada como estatuto que conferia credibilidade aos fatos diegéticos, uma vez que a pretensa neutralidade do narrador resultava na estabilidade do objeto narrado, ou seja, era uma negação do eu, de uma subjetividade a partir da qual o enredo era produto, na narrativa de Tezza a terceira pessoa funciona como uma forma de se exacerbar a subjetividade dos narradores em primeira pessoa da tradição narrativa do

século XX, é uma super afirmação do eu, é uma maximização do enredo enquanto produto de uma subjetividade. Se o protagonista não pretendia que a relação com seu filho Felipe, portador de síndrome de Down, fosse tema de sua literatura, ele passa a admitir fazê-la, outrando-se, criando um mecanismo de segurança que consiste na ficcionalização de si a partir de um narrador, que possui a sua mesma consciência, mecanismo no qual, em certos momentos de sua narrativa, não se consegue manter e acaba extrapolando, rompendo esse *ele* subjetivo com o usual *eu* para a expressão de si.

Os leitores mais atentos à biografia de Tezza, no entanto, logo identificarão muitas semelhanças entre o protagonista do romance e seu autor. Tezza possui um filho com síndrome de Down também chamado Felipe, é autor dos títulos mencionados no romance como publicações sem sucesso do protagonista, participou de um grupo comunitário de teatro, estudou em Portugal na época da Revolução dos Cravos, trabalhou ilegalmente na Alemanha, estabeleceu-se em Curitiba e percorreu clínicas do Brasil em busca de acompanhamento especializado para o desenvolvimento do filho. Esse ele adotado, portanto, é uma máscara ficcional que não só permite ao protagonista contar sobre aquilo que *a priori* pretendia omitir, como também permite que o próprio autor se ficcionalize, alcançando a segurança necessária para expor fatos das vidas sua e de seu filho. As instâncias de autor, narrador e protagonista confundem-se todas, nesse caso, como é bem frequente na literatura contemporânea. No entanto, a dissolução desses limites não a partir de um *eu*, mas de um *ele* (que, como visto, é um *ele* subjetivo, um *ele* que fala de si) é um pouco mais peculiar na literatura, tendo sido utilizada por Coetzee em *Juventude*.

A questão autobiográfica foi amplamente desenvolvida no campo teórico por Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*. Para o teórico, a autobiografia é definida como uma “narração retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência.” (LEJEUNE, 1975, p. 14). Nesse sentido, destaca o compromisso com a referencialidade dos fatos narrados e a declarada homonímia entre autor, narrador e protagonista. Além de não se denominar em instante algum do romance, não há, a partir do momento em que se assume escrever um texto do gênero romanesco, um maior compromisso com a referencialidade, visto que fatos existentes podem constar no texto, mas estão a serviço da ficção, e não o contrário, que seria típico em uma autobiografia.

Já a respeito dos romances autobiográficos, Lejeune afirmou que são

todos os textos de ficção nos quais o leitor possa ter razões para suspeitar, a partir de semelhanças que acredite adivinhar, de que há uma identidade entre autor e personagem, mesmo que o próprio autor tenha escolhido negá-la, ou ao menos não afirmá-la. (LEJEUNE, 1975, p.25).

No entanto, essa identidade parece estar muito mais explícita e ter muito mais relevância em *O filho eterno* do que no discurso de Lejeune. Não parece haver no romance de Tezza apenas razões para suspeitar. A identidade entre autor e personagem está dada, declarada, e é significativa da própria obra, tanto que o autor não fez questão sequer de alterar os nomes de seus romances anteriores ou de seu filho. Para Serge Doubrovsky, as definições de Lejeune não dão conta dessa prática comum na literatura contemporânea que é a hibridação entre autobiografia e romance, facto e ficção, sem fronteiras claramente definidas e que serve praticamente como um exercício de autoanálise do autor, o que o teórico definiu como “autoficção” em seu romance *Fils*: “Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo (...)” (DOUBROVSKY, 1977, capa).

Para Doubrovsky, a autoficção seria a variante pós-moderna da autobiografia, já que em tempos de ampla relativização e desconfiança nos conceitos de verdade, referencialidade e realidade, a ideia de contar a própria vida perde espaço para a ideia de arquitetar um romance a partir de *flashes* de percepção da própria vida, performatizando-a e entendendo-a sob a noção de texto.

Não à toa, a epígrafe de *O filho eterno* traz este excerto de Thomas Bernhard: “Queremos dizer a verdade e, no entanto, não dizemos a verdade. Descrevemos algo buscando fidelidade à verdade e, no entanto, o descrito é outra coisa que não a verdade”. Assim a experiência da autoficção na obra surge como a escritura de si, não uma representação no sentido mais tradicional da *mimesis*, mas uma espécie de reapresentação de si, situando-se em algum ponto não mensurável entre texto e mundo, linguagem e realidade, ficção e facto, literatura e vida. Essa reapresentação de si está presente também no âmbito de outro paradoxo: buscar certo conhecimento de si em um contexto no qual não há mais grandes espaços para a noção de conhecimento. Talvez nesse ponto, descrever-se como um *ele*, uma não pessoa, seja um dos grandes

méritos do romance. Se esse ser sem nome, sem autolegitimação por meio do discurso, como diria Benveniste (1978), é apresentado no contexto de sua (não) relação com seu filho, é preciso lembrar da outra epígrafe da obra, de Kierkegaard: “Um filho é como um espelho no qual o pai se vê, e, para o filho, o pai é por sua vez um espelho no qual ele se vê no futuro”, para analisar sua identidade em duplo com Felipe. Ele, no discurso do narrador (e do pai), é apresentado como uma não pessoa, como alguém que jamais teria acesso à subjetivação por não ter acesso ao pensamento e à linguagem. Chega-se a dizer que o protagonista é um pai sem filho. Ora, se o filho não tem direito à existência no discurso, na teoria dos espelhos, de Kierkegaard, é porque seu pai também não o tem. Se o pai vê seu filho como uma criatura completamente incapaz de sobreviver só, sendo completamente dependente dos pais, sobretudo da mãe, talvez seja, por extensão, porque o protagonista sabe que também o é: na faixa de seus trinta anos, ainda estudante do curso de letras, é um fracassado escritor sustentado pela mulher. “Sente dificuldades em olhar para o filho, que lhe lembra tudo que não lhe agrada” (Tezza, 2011, p. 54).

Mas se ter um filho é um fato eterno, algo inalterável, as consciências e as identidades não são. Esse ser pronominalizado, pai que, no princípio, não nutria sentimentos pelo filho, com a convivência, mesmo que timidamente, passa a tê-los, projetando sonhos e ambições para o pequeno. Consequentemente, com esse aprendizado, a partir da página 82 o narrador-estratégia de si passa a não mais se auto (alter) referir apenas por um pronome (ele), mas por um substantivo, um nome que carrega conteúdo lexical: *pai*. E esse pai escritor, que negara um poema por considerá-lo praticamente uma aberração (“os leitores devem ser poupados dessa baboseira toda”, *Ibid.*, p. 54), por analogia negava o seu filho por também considerá-lo fora dos padrões da normalidade e era resoluto em não escrever sobre o fato, que nunca conseguiu “domesticar numa representação literária” (*Ibid.*, p. 26), chega a incluir um bebê (de nome Jesus) em um de seus livros.

Em suma, essa despersonalização para falar de si também mostra o processo de aprendizagem, “o esforço de construir a imagem de um pai, que ainda não encontrara em si mesmo” (*Ibid.*, p. 85). E parece que é encontrada a consciência disso: “o problema não é o filho, o problema é ele” (*Ibid.*, p.59), afirma o narrador. E também, há a consciência desse reflexo entre pai e filho, sendo expresso com a própria primeira pessoa: “O que eu estou fazendo aqui? Sou eu que preciso de avaliação, e não a criança” (*Ibid.*, p. 62). No entanto, engana-se quem pensa que esse processo é redondo, linear, progressivo, perfeito, da ignorância ao aprendizado, da rejeição ao pleno amor com o filho.

Por mais que a narrativa acabe com uma pequena apoteose cotidiana por meio do futebol, elemento tão comum como fator da união de pais e filhos de gerações tão distintas no Brasil, o processo de identificação e desidentificação na alteridade de pais e filhos, gerando mútuos encantos e desencantos a partir, às vezes de pré-conceitos, às vezes de descobertas, nunca há deslocamentos de um ponto inicial para um ponto final nessa narrativa. Na verdade há apenas o ponto inicial, mas não há um ponto para onde essas expectativas possam convergir. Afinal, o filho é eterno, e por consequência ser pai também, assim com um termo totalizante, “eterno”, sem relativizações, pois elas cabem apenas aos seres e não a esse elo, tanto que o *ele* chega apenas ao substantivo comum *pai*, porém não chega jamais a um substantivo próprio. A nomação do pai será sempre alternância entre terceira pessoa subjetiva e *pai*, nunca algo pleno e realizado, será sempre um errante, um hippie, um ilegal, um incapaz, um pretense escritor, um Midas Narciso mirando-se nas águas que são a imagem do filho, assombrando-se com semelhanças, ignorando diferenças, envaidecendo-se com o reflexo nesse entre-lugar que vaga entre ele-eu, filho, verdade e linguagem.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **O homem na linguagem**. Ensaio sobre a instituição do sujeito através da fala e da escrita. Lisboa: Arcádia, 1978.

DOUBROVSKY, Serge. **Fils**. Paris: Galilée, 1977.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**: ensaio de método. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

MARTINS, Ana Faedrich. **Uma discussão teórica acerca da autoficção**: a ficionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984/6398>

SARAMAGO, Victoria. **Os eternos**: o filho e a ficção de Cristovão Tezza. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0903-1.pdf>

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

Recebido em 30/05/2016

Aprovado em 01/08/2016